



TRECHO DO LIVRO “A LUZ DA JANELA” DE DANNY BITTENCOURT

COMECE COM UM CALAFRIO

A inspiração não é qualquer coisa adquirida, não está naquele beiral de sobrado por onde se passa distraído diariamente e nem se nota a existência. Ela pode ser encontrada no sino da igreja, que toca distante, em uivos de cachorros solitários ou, até mesmo, no perfume de um jasmim* (que pode estar naquele mesmo beiral de sobrado, caso ele te faça parar no meio da rua para tentar sentir o cheiro das pétalas texturizadas). Entende? Não vai estar em nenhum manual de instruções. Inspiração tem a ver com jornada, e essa é só tua. Se tu ainda não descobriste qual cor que te inspira, é preciso urgentemente uma autorreflexão. Precisamos saber aquilo que nos dói e aquilo que transforma nossos poros em campos de arrepio. Essa percepção é fundamental para articulação, na minha opinião, de qualquer conhecimento sobre a fotografia.

Nosso interesse com o que fotografamos está diretamente relacionado aos nossos interesses de vida. Como enxergamos o mundo, o que nos incomoda, o que nos fascina, o que nos move - tudo isso vira um emaranhado naquilo que queremos fotografar, todas as nossas dores moram em todas as nossas imagens.

Quanto mais nos conhecemos, mais desenvolvemos a percepção de entender que aquela música que ouvimos sem querer na rua e que nos emocionou também nos movimentou, fez diferença na nossa trajetória e, por isso, é importante.

Eu enxergo esses momentos como oportunidades que podem (ou não) transformarem-se em uma imagem. Se desviarmos a atenção delas, se não olharmos ou não percebermos, elas não florescem. Toda semente precisa ser regada para se tornar um jardim.

I STONÃOÉUMACANECÀ

A jornada é longa e não existem mais começos, qualquer recomeço traz junto tudo aquilo que já se foi. Bom ou ruim, tudo aquilo que marca nossa pele, carne ou âmago recomeça conosco. Toda a nossa história é tecida e carregada cuidadosamente em nossas entranhas e, quando pretendemos começar algo novo, está lá, presente. O que fez diferença, é claro. Por isso, me parece que um novo começo já parte do meio, do nosso meio, e é importante ter essa consciência para que possamos usar isso como potência criativa. É relevante reservarmos um tempo para olhar com cuidado para essa bagagem e identificar o que é importante e significativo na nossa vida - isso altera o nosso olhar fotográfico. Depois, aplicamos nossas percepções e descobertas na forma de construir uma imagem. Existem vários movimentos de construção de uma fotografia, claro, mas aquele que escolhemos interfere também no nosso processo de significação. Por exemplo, a movimentação mais comum me parece ser aquela na qual estímulos visuais capturam o fotógrafo, que atende a esse apelo, clica e, posteriormente, transfere, ou não, significados à sua imagem. Essa forma é mais convencional, pois somos visualmente atropelados por tudo que está ao nosso redor, e, por isso, a construção é mais intuitiva quando parte desse pensamento. Quando partimos da significação, toda essa dinâmica se modifica, pois iniciamos naquele lugar que nos é importante. Depois, buscamos visualmente algo que se adeque às nossas inquietações e, por último, clicamos.

A consciência de sabermos aquilo que buscamos é diariamente reforçada e nos permite maior controle e clareza dos objetivos relacionados à nossa fotografia. Estabelecer uma intenção pessoal faz com que nossa imagem pulse mais fundo e se liberte de um caráter descritivo que pode levá-la ao senso comum e distanciá-la de nós mesmos. Determinar uma temática para a foto não faz com que ela tenha força e profundidade, mas, quando articularmos a temática com a nossa vivência, ela passa a ter muito mais significado. Por exemplo, fotografar a “solidão” pode ser uma grande armadilha se levarmos essa noção do termo para o senso comum. Cada um de nós vive uma solidão muito particular e plural - é para ela que devemos olhar para fugir de uma imagem descritiva e rasa. Se fotografarmos uma caneca e olharmos apenas para o objeto, a fotografia se torna um fim nela mesma, se esgota e acaba. Agora, se atribuirmos à mesma imagem uma memória que nos leve para alguma experiência pessoal, a fotografia, então, torna-se ferramenta, utilizada como um meio de expressão, podendo exercer sua poderosa função. O significado não está na caneca a priori, ele depende sempre de nós, construtores de imagem, e da nossa relação com a caneca e com o mundo.

LIVRE - SE IMEDIATAMENTE DO PANO

Conforme vamos vivendo, e nossas dores vão igualmente nos moldando, é compreensível que certos anteparos sejam construídos para nossa própria proteção. Estabelecemos

muros, panos metafóricos que nos distanciam de tudo aquilo que nos fere e acabamos, com isso, afastando também aquilo que sentimos. A sociedade em que nos desenvolvemos (considerando todas as nuances possíveis) também acaba, do mesmo modo, nos podando e nos ensina que sentir é ruim, nos exige que não choremos, que sejamos frios e fortes (mesmo que sentir seja uma das nossas maiores forças). Aos poucos, vamos sendo menos, não exploramos e não nos permitimos e, assim, acabamos como a maioria, boiando na superfície.

Claro, as experiências são complexas, diversas e únicas - essa é uma visão simplista, mas suficiente para entendermos a linha de pensamento que aqui trago. A questão toda é que, quanto mais protegidos estamos, mais projetamos isso em nossas imagens, que acabam se construindo, seguras, cheias de senso comum e muito longe de qualquer profundidade. Ou seja, se tens a intenção de criar imagens profundas e significativas, é preciso começar esse mergulho imediatamente. E o caminho? É mesmo aprofundar-se em si. Os panos metafóricos que criamos para nos proteger, de fato, cumprem essa função, mas também nos sufocam e nos impedem de enxergar o mundo e a nós mesmos com clareza. Precisamos nos livrar dessas camadas, nem que seja por um breve momento. Sei bem que o mundo em que vivemos não permite que saímos nus pela rua, mas que, então, pelo menos, conheçamos bem o que temos por baixo das vestes.